



CONECTADOS E DISTRAIDOS:

Corpos caminhantes e ação narrativa

CONNECTED AND DISTRACTED:

Walking bodies and narrative action

Máгда Rodrigues da Cunha¹

Resumo:

Conexão e distração são dois conceitos que este texto toma como base para refletir a respeito das variáveis que envolvem ações narrativas e processos de comunicação. Discute-se especialmente a situação do narrador que percorre as ruas e está em conexão simultânea com o planeta. O que constitui agora uma outra comunicação são os corpos caminhantes, munidos de tecnologias móveis e que passam a ler e narrar em primeira mão. Esses corpos desorganizados que cruzam as ruas das cidades e contam suas experiências, numa grande colagem de fragmentos narrativos que, mesmo sendo muitos, têm unidade. São caminhantes envolvidos pela nuvem dos conteúdos que lhes chegam a todo o instante, distraídos na observação da cidade e das situações que se apresentam a sua frente, reorganizando o processo, com o objetivo de praticar também a ação narrativa.

Palavra-chave: conexão; distração; ação narrativa; mobilidade; cidades; corpos

Abstract:

Connection and distraction are two concepts that this text draws on to take into consideration the variables that involve narrative actions and communication processes. The situation of the narrator who walks in the streets and is simultaneously in connection with the planet is especially discussed. The walking bodies that are endowed with mobile technologies and read and become first-hand narrators constitute a different type of communication. These disorganized bodies cross the city streets and tell their experiences in a great collage of narrative fragments that present a sense of unity in spite of their large number. They are walkers involved in a cloud of contents that reach them all the time, distracted by watching the city and by the situations that unfold before them, thus reorganizing the process and aiming to practice the narrative action at the same time.

Key-words: connection; distraction; narrative action; mobility; cities; bodies

¹ Jornalista, mestre em Comunicação Social, doutora em Letras, professora do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Famescos / Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: mrcunha@pucrs.br





O planeta jamais viveu um momento com tamanho grau de conexão entre as pessoas. Mas estes humanos nunca foram tão distraídos. Paradoxal ou não, este parece ser o retrato do instante planetário. O que se observa nas ruas das cidades, sejam metrópoles ou vilarejos, são caminhantes distraídos para honrar a conexão, exaustivamente mantida por intermédio das tecnologias móveis. Dessa relação, que reúne o contexto planetário e a observação distraída, surge a narração praticada pelos caminhantes em espaços constituídos por camadas de tempos e memórias. É a mesma e é outra comunicação, em que o narrador é também receptor, desenhando um processo complexo. Em consequência da crescente mobilidade humana e tecnológica, além da ampliação dos nós da existência em rede, as ações narrativas ocorrem em larga escala em primeira mão. Há muito mais narradores. O que antes se via à distância, por intermédio dos relatos de outros, hoje se enxerga de perto e se pode contar. Os humanos nunca foram tão móveis.

Todos os matizes da existência humana convivem simultaneamente e em situação narrativa, mesmo que não se possa resumir essas marcas a partir de tão poucos conceitos, ou pelo menos dois: distraídos e conectados. Eco (1979), no prefácio de *Apocalípticos e Integrados*, apresenta as dificuldades da classificação reducionista, especialmente quando se trata das atitudes humanas. Para o integrado, não existe o problema de a cultura sair de baixo ou vir confeccionada de cima para consumidores indefesos. Se os apocalípticos sobrevivem confeccionando teorias sobre a decadência, os integrados raramente teorizam e assim, mais facilmente, operam, produzem, emitem a suas mensagens cotidianamente a todos os níveis. "A imagem do apocalipse ressalta dos textos sobre a cultura de massa; a imagem da integração emerge da leitura dos textos da cultura de massa." (Eco, 1979:09)





Embora esse pensamento não seja o foco da reflexão aqui proposta, as conclusões de Eco (1979), para quem Apocalípticos e Integrados não sugere a oposição entre duas atitudes, mas a predicação de adjetivos complementares, podem encaminhar, de certa forma, a ideia de reunir distração e conexão.

A proximidade virtual, define Bauman (2004), torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos e também para serem rompidos. Santaella (2007) reflete que a separação entre espaço público e privado, cultivada no século XIX começou com o jornal e deslizou quando o rádio e a televisão começaram a trazer notícias, cultura para dentro dos lares.

O deslizamento intensificou-se irremediavelmente com a internet, na qual, se o usuário souber navegar com destreza, deslocam-se, para o recinto mais íntimo do lar, infinitos dados, de múltiplas origens, para as mais diversas finalidades. Com as tecnologias móveis, a situação se inverte: o privado começa a invadir o público. Borram-se, então, todas as fronteiras. (Santaella 2007:246)

Proporcionalmente ao crescimento da conectividade em qualquer lugar ou em qualquer tempo, o espaço privado está sendo erodido, conclui Santaella, sendo o inverso também verdadeiro, pois com o celular, a vida privada invade o espaço público.

Os corpos nas cidades

A vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-la relata De Certeau (1994). As pinturas medievais ou renascentistas representavam a cidade vista em perspectiva por um olho que, no entanto, jamais existira até então. Essas obras inventavam ao mesmo tempo a visão do alto da cidade e o panorama que ela possibilitava. "Essa ficção já transformava o espectador medieval em olho celeste." (De





Certeau 1994:170) De Certeau descreve a situação do espectador que sobe ao alto do antigo e agora inexistente World Trade Center, como o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima, nem possuído, jogador ou jogado. Aquele que sobe ao alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. Será necessário depois cair de novo no sombrio espaço onde circulam multidões que, visíveis lá do alto, embaixo não veem.

Embaixo, a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, pensa De Certeau (1994) eles são caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo.

Esses praticantes jogam com espaços que não veem; tem dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. (De Certeau 1994:171)

As redes dessas escrituras, pensa De Certeau (1994), que avançam e entrecruzam-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços. Mas é por intermédio dos passos desses caminhantes que a cidade passa a ter sentido. Quando aborda esta perspectiva, De Certeau (1994) afirma que cada uma de suas unidades é algo qualitativo, impossível contá-lo. "Sua agitação é uma inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares." (De Certeau, 1994:176) Os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços e as trajetórias. Porém, essas curvas remetem à ausência daquilo que passou. Só se deixa captar um resíduo colocado no não-tempo de uma superfície de projeção. "Visível, tem como efeito





tornar invisível a operação que a tornou possível. Essas fixações constituem procedimentos de esquecimento."(De Certeau,1994:176)

O ato de caminhar, reflete De Certeau (1994), está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. O ato de caminhar parece encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. Considerada através desse prisma, a enunciação pedestre apresenta três características que a distinguem do sistema espacial: o presente, o descontínuo, o fático. Se existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades, por onde é permitido circular, e proibições, que impedem de prosseguir, o caminhante atualiza algumas delas. Ele tanto as faz ser, como aparecer, mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada, privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.

O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial, cria algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da "língua" espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles. "Vota certos lugares à inércia ou ao desaparecimento e, com outros, compõe "torneios" espaciais "raros", "acidentais" ou ilegítimos. Mas isso já introduz a uma retórica da caminhada."(De Certeau,1994:178) Esta arte de moldar frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. O uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma.

"A gesta ambulatória joga com as organizações espaciais, por mais panópticas que sejam: ela não lhes é nem estranha (não se passa alhures) nem conforme (não recebe delas a sua identidade)" (De Certeau,1994: 180) Ela insinua as suas muitas referências e citações, modelos sociais, usos culturais, coeficientes pessoais. Ela mesma é o efeito de encontros de ocasiões sucessivas que não cessam de alterá-la e de usá-la "como brasão





de outra". Esses aspectos instauram uma retórica e chegam mesmo a defini-la, pensa De Certeau (1994).

"As figuras são gestos dessa metamorfose estilística do espaço. Ou antes, como afirma Rilke, árvores de gestos em movimento." (De Certeau, 1994:182) "Essas árvores de gestos de movimentam por toda a parte. Suas florestas caminham pelas ruas. Transformam a cena, mas não podem ser fixadas pela imagem em um lugar." Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar, "esfarelada" por deslocamentos e caminhadas, compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano. Os lugares, reflete De Certeau (1994), são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar. No entanto, estão ali como histórias à espera. Permanecem como quebra-cabeças, enigmas, simbolizações marcadas na dor ou no prazer do corpo.

Movimento e narração

Para esta reflexão vamos distinguir o movimento dos corpos, descrito por De Certeau (1994), e a narração a partir deste movimento. Entende-se que esta narração concentrada e distraída, resultante da exacerbada movimentação dos corpos pelos lugares é que constituiu o novo formato de comunicação. O autor pontua que todo relato é um relato de viagem, uma prática do espaço. Isto está relacionado com as práticas cotidianas, desde o abecedário da indicação espacial, até ao noticiário de cada dia. Essas aventuras narradas produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, organizando, de fato, as caminhadas. Neste conjunto amplo, De Certeau (1994:201) considera apenas ações narrativas. Elas permitem precisar algumas formas





elementares das práticas organizadoras de delimitação ou de "limitação" e as focalizações enunciativas, o índice do corpo no discurso.

De Certeau (1994) faz uma distinção entre espaço e lugar. Lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência e exclui-se a possibilidade para duas coisas de ocuparem o mesmo lugar. Trata-se de uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade. Nos apropriamos aqui desta distinção, pois é o narrador e a comunicação, resultante da relação com o espaço que interessa à reflexão e a esta outra comunicação.

O espaço existe sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. "Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido por um sistema de signos - um escrito." (De Certeau, 1994:202) Os relatos, portanto, efetuam um trabalho que transforma incessantemente lugares em espaços ou espaços em lugares.

Virilio (2006) aborda a memória "vívida", memória do que ocorre no momento, como um elemento novo oferecido pela tecnologias de comunicação. Isto traz um paradoxo, pois a televisão ou a internet e outras tecnologias promovem a idéia de uma memória do instante presente. "É como se houvesse um efeito de lupa não sobre um objeto, mas sobre um instante no tempo: um efeito de dilatação." (Virilio, 2006: 93) Nesta perspectiva, o autor entende que as tecnologias funcionam para a memória como um telescópio. Virilio acredita que a internet e as tecnologias de informação permitirão ver o que se passa no mais curto espaço de tempo, o que se passa na comunicação. Neste





ponto de sua reflexão, o autor define que esta é uma memória que diz respeito à comunidade, pois não há memória por si, memória, conforme o seu pensamento, é uma linguagem, um utensílio de comunicação. Não há memória que não seja coletiva.

A história da distração

E é por intermédio da memória coletiva que se organizam as práticas cotidianas. As pessoas passaram a ficar mais distraídas quando seus referenciais de tempo e espaço começaram a ser atropelados pela industrialização, pela modernidade e pelo desenvolvimento das cidades. Porém, distração e conexão não são hoje características apenas dos moradores das metrópoles. As marcas da industrialização e, conseqüentemente, da produção tecnológica em larga escala, chegam também a espaços remotos.

Naquele período, os indivíduos experimentaram sensações diferentes em relação a seus corpos. Alguns autores descrevem o que pode ter sido um momento importante de ruptura, quando começou a ser desenhada esta comunicação conectada e distraída na qual estamos inseridos hoje. Na era da industrialização e especialmente da expansão das tecnologias, muitos sentem-se controlados pelas máquinas que agora entram em larga escala no cotidiano. O filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, de 1936, representa um herói da resistência humana contra a tirania das máquinas e dos processos de racionalização, conforme relata Sevcenko (2001). A obra expressa o sentimento humano da época e expõe a maneira como a nova civilização tecnológica deforma os corpos e o comportamento das pessoas, sujeitas a movimentos reflexos incontroláveis e a impulsos neuróticos. As metrópoles crescem horizontalmente e podem expandir-se na vertical, graças à versatilidade dos novos materiais de construção, como o concreto armado, aços especiais, alumínio e chapas resistentes de vidro, que darão origem aos prédios e arranha-





céus. "Estes podem ser facilmente escalados, apesar da altura gigantesca, por meio da eletricidade que move os elevadores." (Sevcenko, 2001:62).

Nenhuma impressão marca mais fortemente as gerações que vivem entre o final do século XIX e o início do XX, reflete Sevcenko (1998:516), do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades. Os novos recursos técnicos, por suas características, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem e alucinam. Isto porque as escalas, potenciais e velocidades envolvidos nos novos equipamentos e instalações excedem as proporções e as limitadas possibilidades de percepção, força e deslocamento do corpo humano.

A população tem sua vida administrada por uma complexa engenharia de fluxos, que controla os sistemas de abastecimento de água corrente, esgotos, fornecimentos de eletricidade, gás, telefonia e transportes, além de planejar as vias de comunicação, trânsito e sistemas de distribuição de gêneros alimentícios, de serviços de saúde, educação e segurança pública. Dessa forma, numa metrópole, tudo se insere em sistemas de controle, até o passo com que as pessoas se movem nas ruas. Há dependência da intensidade dos fluxos de pedestres e do trânsito de veículos.

O controle tecnológico pleno do ambiente acaba alterando seus comportamentos. Na sociedade mecanizada são homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas e não o contrário. A alteração no padrão do comportamento das pessoas, imposta pelas máquinas, provoca uma mudança no quadro de valores da sociedade. Afinal, como relata Sevcenko (2001), os indivíduos não são mais avaliados pelas suas qualidades pessoais ou pelas diferenças que tornam única a sua personalidade. Não há tempo nem espaço para isso. Nas grandes metrópoles em rápido crescimento, todos vêm de algum outro lugar. Portanto, praticamente ninguém conhece ninguém, cada qual tem uma história à parte.





A forma prática de identificar e conhecer os outros é a mais rápida e direta: pela maneira como se vestem, pelos objetos simbólicos que exibem, pelo modo e pelo tom com que falam e pelo jeito de se comportar. A comunicação básica, que precede a fala e estabelece as condições de aproximação é externa e baseada em símbolos exteriores. Como esses códigos mudam com extrema rapidez, as pessoas vivem no império das modas. A mudança ocorre para evitar que alguém possa imitar ou representar características e posição que não condizem com sua real condição.

Sennett (1997) cita o pensamento de Roland Barthes, referindo-se ao repertório de imagens que as pessoas usam quando se vêem diante de estranhos. Em cenários complexos ou não familiares, o indivíduo tende a classificar o que vê de acordo com categorias simples e genéricas, baseadas em estereótipos sociais. Barthes observa que o julgamento é instantâneo e o resultado surpreendente. Os poderes classificatórios do repertório de imagens levam o indivíduo a fechar-se inteiramente.

As pessoas se movimentam rapidamente, segundo Sennett (1997), em especial para o interior dos subúrbios a que só têm acesso por meio de automóveis. A logística da velocidade aliena o corpo dos espaços através dos quais ele se desloca e por questões de segurança, o planejamento das vias expressas torna-as neutras e padronizadas. O ato de dirigir obriga o corpo sentado a permanecer numa posição fixa.

Lynch (1997) reflete que a velocidade do automóvel estimula o recurso aos símbolos e aos julgamentos liminares. A fragmentação do meio fortalece esta tendência. Casa, loja, escritório, escola têm funções importantes e se encontram em áreas vazias, facilitando a rápida avaliação sobre o comportamento dos que não pertencem ao lugar. Dois novos fatores associados - a aceleração dos ritmos do cotidiano e a invasão da tecnologia, juntamente com a ampliação do papel da visão como fonte para orientar e interpretar rapidamente os fluxos - provocam mudança na sensibilidade e nas formas de





percepção sensorial das populações metropolitanas. Ocorre uma supervalorização do olhar, acentuada e intensificada pela difusão das técnicas publicitárias, incidindo sobretudo no refinamento da capacidade de captar o movimento. No hábito tradicional há concentração sobre objetos e contextos artísticos.

Sevcenko (2001) revela que, nesse novo mundo em aceleração crescente, o ganho adaptativo em termos sensoriais e culturais consiste em estabelecer nexos imediatos com os fluxos dinâmicos. A sofisticação das habilidades do olhar possibilita a ampliação dos horizontes da imaginação e instiga as mentes a vislumbrar modos mais complexos de interação com os novos potenciais.

Desse contexto aqui descrito, emergem vários perfis de públicos ou mesmo de leitores. Se na fase inicial, os indivíduos viveram um longo período de estranhamento, é normal que, como forma de sobrevivência em uma sociedade em plena metamorfose física, tenham buscado a adaptação. Adaptação que precisou passar diretamente pelos corpos e por suas formas de circulação pelos diferentes espaços. Dessas rupturas constituiu-se a história do distraído/conectado, leitor sim, pois optamos pela terminologia adotada por Santaella (2004), mas de uma realidade muito mais complexa, desenhada por várias dimensões que extrapolam qualquer página impressa.

Santaella (2004) descreve perfis cognitivos e extrai da multiplicidade de leitores três tipos que considera principais: o contemplativo, o movente e o imersivo. Enfatiza se tratar de uma tipologia que, para diferenciar os processos de leitura, não toma como ponto de partida as distinções entre tipos de linguagens ou processos de signos. Não parte também das espécies de suportes ou canais que veiculam as mensagens, como livro, jornal, TV ou computador. Toma sim como base os tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidas nos processos e no ato de ler, para configurar modelos cognitivos de leitor.





O primeiro, o leitor contemplativo, meditativo da idade pré-industrial, é também o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Ele nasce no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. O segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, híbrido, de misturas sógnicas. Trata-se aqui de um leitor que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos. É o homem na multidão. Esse leitor nasce com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema. Atravessa não só a era industrial, mas também suas características básicas quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. Emerge das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É apressado, de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. O leitor do livro, meditativo, "leitor sem urgências" aprende a conviver com o leitor movente, leitor de formas, volumes, massas, leitor de direções, de luzes, que se acendem e se apagam; "leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo."(Santaella, 2004:30)

O terceiro tipo de leitor é o que começa a surgir nos novos espaços da virtualidade. Santaella (2004) observa que:

embora haja uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior. Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana. O que existe, assim, é uma convivência e reciprocidade entre os três tipos de leitores, embora cada tipo continue, de fato, sendo irreduzível ao outro, exigindo, aliás, habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas. (Santaella 2004:19)





Nesta reflexão considera-se importante concentrar as atenções no leitor movente, fragmentado, e no leitor imersivo. Entende-se que é preciso considerar aquele período da história e o leitor que ali se encontra, pois é nesse período que começa realmente a metamorfose, que avança não de maneira linear, mas complexa, mantendo sempre, em cada um, as marcas da fase anterior. Só é possível viver a conexão tecnológica da rede, porque o mundo entrou em um desenvolvimento industrial exacerbado. Mas essa mesma conexão tecnológica foi demandada da própria mobilidade desenhada pela vida nas cidades. O leitor imersivo interessa também a essa reflexão, na medida em que atualiza o papel do leitor ao contexto contemporâneo e proporciona uma análise sobre as mudanças pelas quais passam todas essas relações.

Santaella (2004) entende que é relevante observar as mudanças trazidas pelo leitor movente, para melhor compreender o perfil desse tipo "radicalmente novo" de leitor que está se delineando nos processos de navegação no ciberespaço. Na era digital, tendo na multimídia seu suporte e na hipermídia sua linguagem, os signos de todos os signos, estão disponíveis ao toque de um mouse. Nasce, nesse contexto, um leitor imersivo, distinto dos anteriores. "...é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza."(Santaella,2004:31)

A grande marca que identifica o leitor imersivo está na interatividade, mas também nas transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que emergem deste tipo de leitura. "No ciberespaço, a informação transita à velocidade da luz. As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais." (Santaella, 2004:181) O que parece certo, segundo a autora, é que no contexto comunicacional da hipermídia, o infonauta lê,





escuta e olha ao mesmo tempo. Nesta reflexão, acrescenta-se que este mesmo infonauta também produz, somando mais uma dimensão às atividades de navegação já descritas.

A conexão e o uso das tecnologias móveis

Os atos de leitura, escuta, olhar e ação narrativa devem ser entendidos em termos práticos. Isto é provocado e proporcionado, ao mesmo tempo, pela tecnologia móvel, resultante da demanda de comunicação a partir da situação de mobilidade humana. Quando nos tornamos caminhantes de um mundo sem fronteiras, criamos também a necessidade de comunicação móvel. A indústria, sábia em sua leitura das necessidades dos diferentes horizontes, rapidamente tratou de oferecer soluções. E são essas mesmas respostas que estão mudando nossa forma de estabelecer relações e estão nos transformando em narradores, contribuintes desse imenso *patchwork* planetário.

As reinvenções em um cenário tecnológico são muitas, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada, privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais, como pensa De Certeau. Assim também os caminhantes se reinventam durante a caminhada distraída.

Pesquisa da autora britânica Sadie Plant (2001), publicada no site da Motorola, aponta que o telefone celular tem as mais diferentes denominações em diversos países. Independente das formas pelas quais é chamado, e onde quer que seja usado, esta simples e acessível tecnologia altera as formas como os indivíduos conduzem suas vidas. Tem intensa implicação nas culturas e nas sociedades em que são usados e mudam a natureza da comunicação e afetam identidades e relações.

A pesquisa entende que enquanto as aproximações interdisciplinares são comuns em estudos sobre cultura e mudanças tecnológicas, muito poucas podem ser aplicadas à mobilidade sem o risco de tornar obscuro o que realmente acontece no mundo sem fio. A





telefonia sem fio hoje se faz presente em várias partes do mundo, indica a investigação. Em todos os pontos, o uso das tecnologias móveis está associado a uma série de frases, respostas a uma questão que descreve com clareza a era da mobilidade: *onde está você?*

A concentração daquele que a autora define como *spacemaker* é capaz de excluir toda e qualquer interferência. Este indivíduo pode andar em círculos, parando e recomeçando, em um envolvimento corporal na conversação. Usa as duas mãos. Uma para segurar o aparelho e outra para bloquear toda e qualquer interferência externa que possa trazer ruído à conversa. Como alternativa, o corpo pode girar *para fora do mundo*. Esta investigação é resultado da observação do comportamento e do uso de tecnologias móveis em vários pontos do planeta e descreve em detalhes o comportamento das pessoas ao usarem as tecnologias móveis. Essas alterações, além do movimento dos corpos, incluem variações do olhar e da voz. Muitas maneiras móveis, posturas e situações são ditadas pelas circunstâncias e mudam de acordo com o local, o humor ou a natureza da ligação e a relação que isto envolve.

O relativo baixo custo e a simplicidade da telefonia móvel transformam esta tecnologia num aparato único na história e que surge em um momento marcado pelo crescimento da conexão, mobilidade sem precedentes e surgimento de novas culturas e comunidades. Com isso, ajuda a desenhar o novo mundo emergente. Plant (2001) conclui que se o telefone surgiu no exato período em que era necessário para organização das grandes cidades e unificação das nações, o telefone celular chega em um momento para construção da nova era da mobilidade. Em todo o mundo as pessoas migram e se movem para trabalhar, para turismo, da cidade para o campo ou para os mais diferentes refúgios. A mobilidade encoraja estes movimentos e ajuda a reparar as conexões quebradas. Essas tecnologias desenham e são desenhadas pelo contexto no qual estão inseridas e se





transformam num símbolo potente das mudanças culturais em andamento no mundo que atravessa o século XXI.

Os corpos nas cidades: a outra comunicação

As características históricas somadas deram origem a este leitor distraído e conectado. Se muitos afirmam que cada vez mais é na dimensão virtual que as pessoas constroem suas existências, este transitar ágil e em movimentos multidirecionais está se transferindo, já há algum tempo, de maneira silenciosa e sutil, para as ruas das grandes cidades. As vidas voltam a acontecer nas ruas das metrópoles, mas também dos lugares menores. Os habitantes de lugares remotos vivem a era da conexão. Certamente, não é possível trabalhar com a generalização quando o assunto é acesso às modernas tecnologias de comunicação. Este é um tema que reúne, na mesma proporção, apocalípticos e integrados. Mas não é possível desconhecer a velocidade com que tecnologias miniaturizadas e móveis circulam atuando na constituição de espaços de narração.

Se no período do desenvolvimento industrial, com forte influência nas cidades, as pessoas foram adaptando seus corpos, na sequência elas realmente se voltaram para a virtualidade em espaços fechados. No entanto, neste momento vivem em situação de simultaneidade. Transitam com agilidade e velocidade, lêem, escutam, olham, produzem e distribuem informação. Nesta análise, não se considera como centro o desenvolvimento de cibercidades, mas o comportamento do leitor, como corpo e pensamento, que circula e produz informação ao mesmo tempo.

Se o ato de caminhar pelas ruas pode ser comparado ao ato de enunciar, como pensa De Certeau, é no ato de narrar que os caminhantes evidenciam suas formas de narrar: de todos os lugares. Se a enunciação pedestre apresenta três características que a distinguem do sistema espacial: o presente, o descontínuo e o fático, a narração que





desenha as imagens do mundo também segue estas características. O *flâneur*, descrito por Baudelaire, observa e experiênci a cidade e ajuda a construir um gênero de literatura panorâmica. A atual narração acompanha o tempo do movimento dos corpos pelas cidades. Não se trata mais de uma observação de terceiros para gerar a narração. Muitos narram em primeira mão, somando-se à colagem de fragmentos narrativos que, desencontrados, diversos, têm na lógica de rede a sua unidade.

Canevacci (1997) analisa a figura do narrador a partir do pensamento de Benjamin e lembra que quem viaja tem muito para contar. Assim, "o agricultor sedentário e o comerciante navegador constituem duas tipologias arcaicas do narrador portador de conselhos." (Canevacci,1997:103) Tal narrador arcaico extrai o que narra da experiência e o transforma em experiência dos que ouvem a sua história, adquirindo a figura social do fornecedor de conselhos. De outra parte, o romancista retirou-se para um canto e constitui o local do nascimento do romance como o do indivíduo em seu isolamento.

Na sociedade de cidadãos distraídos e conectados, essas características podem co-existir em um único indivíduo, esteja ele no campo ou na cidade. Nos lugares mais distantes, ele é capaz de aconselhar à distância, a partir de sua experiência próxima. Na metrópole, descreve a cidade e emite para longe, influenciando aquele que aconselha também à distancia. Muitos e cada vez mais caminham e praticam a narração e conhecem em escala crescente o que outro tem para contar de sua viagem. São corpos, vozes e olhares que se inventam no dia-a-dia e reinventam o próprio cotidiano.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt (2004). Amor líquido. Sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.





CANEVACCI, Massimo (1997). A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel.

DE DE CERTEAU, Michel (1994). A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes. ECO, Umberto (1979). Apocalípticos e integrados. São Paulo, SP: Perspectiva.

LYNCH, Kevin (1997). A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes.

PLANT, Sadie (2001) On the mobile - the effects of mobile telephones on social and individual life. <http://www.motorola.com/mot/doc/0/234> MotDoc.pdf. Acessado em 16 de maio de 2009.

SANTAELLA, Lúcia (2004). Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus.

_ (2007). Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus.

SENNETT, Richard (1997). Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record.

SEVCENKO, Nicolau (1998). História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras. (História da vida privada no Brasil; 3)

_ (2001). A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras. (Virando séculos; 7)

VIRILIO, Paul (2006). Diálogo com Paul Virilio. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In Casalegno Federico. Memória cotidiana. Comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina.

Texto recebido em 17 de julho de 2009
Text received on July 17, 2009
Texto publicado em 01 de outubro de 2009
Text published on October 01, 2009

